

CARTA ABERTA PARA MARIA DO AMPARO

OPEN LETTER TO MARIA DO AMPARO

Lênia Márcia Mongelli
Universidade de São Paulo
lmongelli@gmail.com

Cá estou eu, minha amiga, sentada em frente ao computador e preparada para conversar com você - como se estivesse em sua sala de Niterói -, sobre aqueles deliciosos assuntos literários que são o alimento cotidiano de nossa alma docente, com todas as implicações que nós, pesquisadores, atribuímos ao termo... Sim, utilizando o recurso da “carta”, por dois motivos: 1) qualquer dicionário diz que ela serve à comunicação “entre pessoas afastadas ou ausentes”, o que é, aqui no caso, verdade parcial: você está “afastada”, mas não “ausente” – dentre as várias razões, pelos livros que deixou, resultados de árduo trabalho, e pelos numerosos amigos que perpetuaram na memória¹ a sua terna lembrança; 2) quem diria que eu me irmanaria a você até nos azares do Destino??? Você foi levada pela Covid no auge de seu entusiasmo e de sua incansável produção: todos ficamos impressionados que, já no leito de morte, lhe chegou a confirmação de sua Bolsa de Produtividade/CNPq renovada, e que seu livro póstumo, agora publicado, estava quase no prelo! Pois é, a peça que o mesmo Destino me pregou não foi tão fatal, mas garanto-lhe que bastante contundente: estava eu pronta para iniciar o texto com o qual participaria deste dossiê de homenagem, quando sofro um acidente doméstico – na sala de casa –, caio sobre o ombro esquerdo, esfacelo o pobre coitado e vou para a cirurgia, de que ainda me recupero, com o braço na tipóia e proibida de usá-lo até segunda ordem... É isso mesmo que você está pensando, minha cara: estou digitando apenas com três dedos da mão direita, e creio que demorarei uma eternidade para terminar esta missiva... Agora me diga: é ou não é uma prova do imenso afeto que sempre nos uniu, hoje acrescido pela saudade? Faça o favor de computar isto aí junto à Divindade, hein?

¹ Lembra-se que o Jacques le Goff dizia que a memória é um elemento “essencial” não só para a “coletividade”, mas também para o “indivíduo” – base do que se costuma chamar “identidade”? LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 476.

Tenha presente a famosa balança celeste que precipitou nas profundas, ironicamente, o Frei Genebro de Eça de Queirós...

Brincadeiras à parte, amiga, porque foram sempre elas que deram o “tom” aos nossos papos, quaisquer que fossem, entenda-as apenas como preâmbulo ao que tenho para lhe dizer. Você não imagina a alegria que eu estava vivendo com as pesquisas para desenvolver o tema escolhido como um dos artigos de seu dossiê: inspirada por seu estimulante livro *Poesia medieval no Brasil*², com o qual tenho total afinidade porque comungo ideias muito parecidas quanto à longevidade do Medieval, não é que fui atrás da obra-prima de João Guimarães Rosa, *Meu tio o iauaretê*³? Conto (de *Estas Estórias*) que, a cada nova leitura, mais me fascina? Calma, não arregale os olhos, cheia de perplexidade, porque vou lhe explicar direitinho como é que cheguei lá. Mas antes, quero que saiba: estou literalmente apaixonada pelas **onças** – elas mesmas, belos felinos! (Diz a minha família que estou perto da obsessão: não fora o braço quebrado, eu iria visitá-las nas reservas do Mato Grosso, para vê-las de pertinho e livres na Natureza, que é como ousaríamos quando menos sonhá-las).

Para que você não comece a pensar que estou delirando, vamos à explicação. Nos já longínquos anos de 2003, escrevi, para o n^o 5 da *Signum* impressa, então sob direção de Hilário Franco Júnior, o ensaio “Entre onças e barbatões: as *maravilhas* caboclas de José de Alencar”. Mergulhada nos laços óbvios (e deturpados) entre a Idade Média e o Romantismo – principalmente, no caso brasileiro, em sua vertente indianista -, escolhi tratar de *O sertanejo*⁴, que Alencar publicou em 1875, a dois anos de sua morte. Obra cheia de altos e baixos, como é usual em grande parte da produção do autor, inegavelmente exímio estilista, tem enredo dos mais tradicionais no gênero novelesco: Gonçalo Pires Campelo, o poderoso capitão-mor dono da fazenda Oiticica, é pai da filha única D. Flor, por quem se apaixona platonicamente o peão e vaqueiro Arnaldo Loureiro, rude, selvagem, ignorante e de bom coração. O impossível romance, mesmo sem nunca ter saído do coração de Arnaldo, não teria a

² MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Poesia medieval no Brasil*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

³ ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, 2 vols. Vol. II, p. 825.

⁴ ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Cultrix, 1969.

menor chance de dar certo, como não dá, e, por entre uma avalanche de intrigas, o casal termina separado. Pois bem: sempre que pensa em Flor e vê a miserabilidade de sua condição, Arnaldo refugia-se no mato, em cima de uma árvore, onde vem encontrá-lo uma magnífica onça, ronronando e cheia de dengos, com a qual ele “conversa” de igual para igual. Motivo da intimidade? No passado, esta onça atacou-o e foi por ele ferida de morte; mas quando o Sertanejo a viu olhar, a modo de despedida, para os filhotes no ninho, encheu-se de compaixão e salvou-a, cuidando dela com desvelo. Resultado? Onça agradecida e amigos para sempre, o que Alencar descreve em repetidas e memoráveis cenas!

Tenho certeza de que, ao ouvir isto, Amparo, você também pensou em Walt Disney... Quem há-de esquecer os tigres, leões, macacos, raposas e cervos, cheios de personalidade, exibidos em suas extraordinárias animações? Porém, minha amiga, o tema revelou-se muitíssimo mais complexo e eu nunca parei de cogitar nele, em seus desdobramentos. Várias vezes adiado, por conta de outros compromissos!

Aí, não mais que de repente, eis que para 2020 aparece nova chance: decido participar de um Congresso em Córdoba (Espanha) e, nele, falar de outra das minhas mais que confessadas predileções: os livros de cavalarias. O surto pandêmico atrapalhou tudo, não fui. Mas minhas leituras já corriam de vento em popa, pelo imenso prazer de remontar à *Crônica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros – obra que em 2022 completará 500 anos. Não senhora, dona Amparo, não se precipite: não é só por se tratar do assunto de meu Doutorado (você, que trabalhou com Fernão Lopes⁵, bem sabe o quanto esses humanistas e renascentistas portugueses, danados, são nossos casamentos duradouros...); muito além disso, relendo o calhamaço, não é que me deparo com outra **onça**? E da qual, até onde pude averiguar, nenhum crítico tratara? Pronto, já tinha com que me divertir pelos próximos dois longos anos de recolhimento obrigatório: o artigo de 40 laudas ficou pronto, enviei-o para uma Revista de Lisboa e aguardo a praxe da submissão.

Ah, amiga, que horas sublimes passei com a onça do João de Barros! Ela só fez aumentar minha reverência ao autor e a essa inesperada obra (prefiro-a às *Décadas*,

⁵ MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *Fernão Lopes e a Retórica medieval*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

sabia?), perfeita em sua concepção, escrita por um jovem de apenas 20 anos, a serviço de D. Manuel I e do futuro D. João III. A onça, neste caso, é de outro naipe, bem mais denso, embora guarde os elos felinos com a espécie retratada por Alencar. Prá começo de conversa, ela é posta em cena logo no início do livro, quando várias profecias anunciam o nascimento de Clarimundo, filho do rei Adriano da Hungria e da rainha Briaina, filha do rei Cláudio da França. Dentre as predições, cito a que nos interessa de perto - para você ver, Amparo, o quanto Barros entendia da simbólica, presente e passada, do animal, ou não lhe teria dado papel tão camuflado e, paradoxalmente, tão eloquente no desenrolar da narrativa:

“... jazendo a rainha Briaina em seu leito, no maior repouso de seu descansado sono, sonhava que vinha a ela uma loba com um filho atravessado na boca, e com muitos afagos, assim como se a conhecesse, soltava-lho no regaço, e des hi tomava o príncipe, que ela nos braços tinha, e partia com ele na boca, sem ter ninguém que lho pudesse tomar.

E estando mui triste e descontente com esta perda, vinha um homem de dois corpos mui grande e temeroso, e lançava-lho nos braços, banhado em sangue das muitas chagas, com que vinha tão demudado que o não podia conhecer, até que uma daquelas chagas lhe dizia que conhecesse seu filho, que aquele era o seu amado Clarimundo, e que desse graças a Deus, que lho mandava para seu descanso, e **também que o guardasse melhor, do que o fizera em sua meninice, porque ainda uma onça lho havia de roubar, da qual ele maior dano receberia.** Por isso, que tivesse muito bom aviso em o desviar dos lugares onde ela andasse, e que se o assim não fizesse, sua vida correria perigo”⁶ (destaque meu).

Depois desse terrível alerta, que chega por meio de Profecia e, nela, de Sonho – ambos artifícios com profundas convergências desde a Antiguidade, agravadas pelas interdições cristãs, o leitor já fica mesmo de orelha em pé... E a resposta só chegará quase ao final do vol. II, com desfecho terrível (um suicídio) no vol. III: a “onça” era nada menos do que uma mulher (outro tema carrancudo, pela óptica da Igreja...), feiticeira, por cujas mãos Clarimundo bebe o “filtro do esquecimento” (concordo, amiga: Barros faz releitura de *Tristão e Isolda*), colocando em risco sua fidelidade e amor por Clarinda. Na verdade, é bem mais do que isto: estando

⁶ BARROS, João de. *Crônica do Imperador Clarimundo*. Pref. e notas Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1953, 3 vols. Vol. I, cap. 7, p. 91-92

Clarimundo destinado a “fundador da gloriosa dinastia portuguesa” (é a nota “realista” do livro, que teria inspirado *Os Lusíadas* de Camões), romper com Clarinda significa ameaçar a própria progênie lusitana e, com ela, a estabilidade de todo um Reino!

Convenhamos, Amparo: que onça essa, hein? Tão instigante, que me abriu e me levou por impensados desvãos e incalculáveis veredas: evidente que comecei em Plínio e Aristóteles (pois este aqui não trata detalhadamente da “psicologia” dos animais? Nós duas comeríamos um bolo inteiro com café antes de esgotar o assunto...); mas, como seria de esperar, eles, por sua vez, me conduziram para curiosas tradições egípcias, indianas, asiáticas etc., etc., até passar pelos Padres da Igreja e chegar aos Bestiários medievais – nossa, um outro mundo, cheio de acréscimos e novidades! Parei por aí? Não: como olvidar que João de Barros, que deteve por anos e anos o cargo de Feitor da Casa da Índia, peça-chave na epopeia dos Descobrimentos, andou inclusive pelo recém-descoberto Brasil, onde D. Manuel lhe destinara uma capitania lá no Norte? Aposto que você já captou, amiga, o que me passou pela cabeça, e que considere com muita seriedade: alguma onça tupiniquim teria cruzado os sonhadores horizontes de Barros, embora ele estivesse bem mais íntimo daquela que vinha das Índias, para deleite da aristocracia e da realeza à sua volta? Nada impede que ele pudesse ao menos ter ouvido falar dela, homem cultíssimo que era...

Contudo, isso é realmente outra história! E foi a que me fez pensar no Guimarães Rosa e na homenagem a você, querida, com a excelência que busco – Rosa garante-a – e que lhe coloco no regaço. Digamos que o autor, que “trazia o Sertão, os Gerais na alma”, conforme ele confessa na bela entrevista a Günter Lorenz⁷, apresenta-nos a quintessência da onça, em sua difícil e extraordinariamente plurívoca relação com os homens – com destaque para o narrador-protagonista, um mestiço de branco e de índio, que fala um estranho dialeto também “mestiço” de gente e de onça. Você bem deve lembrar, Amparo, o hermetismo que Guimarães Rosa imprimiu ao texto – ele que praticamente “inventou uma nova língua

⁷ Ela consta da edição citada acima, na nota 4.

portuguesa”⁸, como a crítica gosta de dizer, mas que ele próprio desmente, ou melhor, reformula, na referida entrevista. *Grande Sertão: veredas*, publicado em 1956, prova-o à saciedade; dizem até que *Meu tio o iauaretê* (estampado na revista *Senhor carioca* em 1961, mas integrando *Estas Estórias* apenas em 1969, pela Livraria José Olympio Editora) ficou guardado por um bom tempo, porque seu rigoroso autor não queria repetir-se.

Para minha surpresa, a Bibliografia sobre este conto é já bem numerosa; sei-o porque comecei pelo “estado da questão”, ou eu nem ousaria ter a pretensão de escrever sobre ele. Mas confesso-lhe, Amparo, uma pequena satisfação, que é a do pesquisador: por entre o muito publicado, entre boas e más interpretações, constatei, até onde pude chegar, que ninguém ainda disse o que pretendo desenvolver – aspecto que destaca enfaticamente o lado adorável das onças! Não vou lhe dizer mais uma palavra sequer sobre isto, é segredo, amiga; porém, como conheço muito bem sua saudável curiosidade, descrevo-lhe os novos instrumentos a que essas novas onças me obrigarão. Atente para a trabalhadeira...

Se, nos dois casos anteriores, tive de percorrer uma distância temporal da Antiguidade até no mínimo o século XVII para conhecer um pouquinho dos simpáticos felídeos, o panorama agora é bem outro, acrescido àquela tradição⁹: depois que Carlos Lineu (1707-1778, considerado “o pai da taxonomia moderna”) colocou ordem na casa, com a sua bem sucedida tentativa científica de classificação sistematizada dos três reinos – as rochas, as plantas e os animais -, cada um deles subdividido em classes, ordens, gêneros, espécies e variedades, parece que ficou um pouco mais clara a confusão terminológica dos antigos¹⁰, pois o botânico e zoólogo sueco reuniu, sob a denominação de *Mammalia Ferae – Felis*, os felinos *leo*, *tigris*,

⁸ A propósito deste conto, Haroldo de Campos fala em “estágio mais avançado em seu [de Rosa] experimento com a prosa”. CAMPOS, Haroldo de. A Linguagem do Iauaretê. In: _____. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 57-63, especificamente p. 59.

⁹ Não há como esquecer a máxima atribuída a Bernardo de Chartres (século XII), referindo-se à cultura que o antecedeu: “Somos anões montados em ombros de gigantes”.

¹⁰ Tema bastante estudado pela crítica atual, reconhecidamente devedora ao pioneirismo de CAMUS, Jules. La Lonza de Dante et les léopards de Petrarque, de l’Arioste, etc.. *Giornale storico della letteratura italiana*. Torino 53 (1909), p. 1-40. (Agradeço à colega Maria Ana Ramos pelo acesso a este texto).

pardus, onca, pardalis, catus, lynx, já devidamente diferenciados dos *Mammalia Ferae* – *Canis*¹¹. Meio caminho andado para definirmos quem é quem!

E quer saber, Amparo? Meti-me num tentador vespeiro! Só não me afoguei nele, uma vez que não sou bióloga, porque tive a generosa orientação do Dr. Eduardo Eizirik, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, considerado um dos mais renomados especialistas mundiais em “jaguar” – o nome apropriado para o tipo de onça que hoje me interessa¹². É muito lindo e quase inexpugnável, para o leigo como eu, o universo da Biologia... Fiquei e continuo fascinada! Sofisticadas pesquisas modernas contemporâneas - principalmente no âmbito da estrutura genética dos felinos, da genômica, da biologia molecular e dos fenótipos indicativos de sua diversificada pelagem¹³ - são associadas a estudos sociológicos, climatológicos e geográficos do meio ambiente e da biodiversidade, voltados para as relações dos grupos de animais entre si e deles com os homens, tentando explicar, inclusive, os mecanismos de extinção de tantas espécies.

Ainda bem que o texto literário é o nosso ponto de partida e de chegada, impondo-nos limites nas leituras que nos levariam longe por causa de um simples pormenor... De volta a *Meu tio o iauaretê*, outra porta escancara-se: já lhe disse que o narrador-protagonista é um mestiço de índio, não? Pois você também ficaria espantada, Amparo, se pudesse avaliar a amplitude das referências de Guimarães Rosa (ele era poliglota, recordemos!) aos falares brasileiros envolvendo etnias indígenas como os tupis e muitas outras latino-americanas; nativos da América Central; culturas como a dos incas, maias e aztecas (observe: inesperadamente, voltamos a pensar no ciclo das Navegações, fazendo tudo girar em cadeia...), com suas lendas, mitos e rituais envolvendo diretamente as onças. (Uma nota significativa: o Brasão de Armas da Guiana, aprovado em 1966, tem dois belos

¹¹ CAROLI LINNAEI.. *Systema Naturae*. Per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Editio decima, reformata. Holmiae: Impensis direct Laurentii Salvii, 1759, 2 t. [Consultado a 2 setembro 2021]. Disponível em <https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/542>

¹² Comecei por este artigo: EIZIRIK, Eduardo *et al.* The late Miocene radiation of modern felidae: a genetic assessment. *Science*, (2006) vol. 311, p. 73-77.

¹³ EIZIRIK, Eduardo *et al.* - Defining and mapping mammalian coat pattern genes: multiple genomic regions implicated in domestic cat stripes and spots. *Genetics* (2010) Jan, 184 (1): p. 267-275.

exemplares de jaguar, vistos de lado e de pé, apoiados nas patas traseiras, um à direita e outro à esquerda do escudo, carregados ambos de simbologias). Como se percebe, amiga, será obrigatório dar um pulo até a antropologia (voltar ao Claude Lévi-Strauss de *O cru e o cozido...*), à etnologia e à sociologia. Afinal, somos herdeiros também do cientificismo do século XIX.

E pronto, não falo mesmo mais nem uma palavra! Você terá que aguardar o artigo! Porque... não sei quando poderei escrevê-lo e nem onde o publicarei, mas uma coisa é certa: desde já, ainda na intenção, ele está dedicado a você, pertence-lhe. Promessa é dívida!

Sendo assim, querida, despeço-me com um simples “até já” e com o *recado* sincero de quem continua lhe querendo *gram bem*,

Lênia Márcia